



# Turismo e suas implicações socioambientais:

## a experiência do projeto Ateliê Arte nas Cotas, em Cubatão (SP), Brasil

*Tourism and its social-environmental implications: the experience of the “Studio Art at the Quotas”, Cubatão (SP), Brazil*

*Turismo y sus implicaciones socio ambientales: Experiencia del proyecto “Atelier Arte en las Cuotas”, Cubatão (SP), Brasil*

**Aristides Faria Lopes dos Santos** < aristidesfaria@rhemhospitalidade.com >

Mestrando em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP, Brasil.

**Renato Marchesini** < renato@caicaraexpedicoes.com >

Bacharel em Turismo, Pós-Graduado em Ecoturismo, Pós Graduando em Gestão Pública. Atua como Gerente de Projetos da Caiçara Expedições e Professor do Curso Superior em Gestão de Turismo do Instituto de Educação Ciência e Tecnologia. Cubatão, SP, Brasil.

**Renata Antunes da Cruz** < contato@caicaraexpedicoes.com >

Bióloga, Professora em Meio Ambiente e Consultora e Assessora em Projetos Turísticos e Ambientais da Caiçara Expedições. São Vicente, SP, Brasil.

### CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido 22-jun-2014

Aceite 31-mar-2015

### FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

SANTOS, A. F. L.; MARCHESINI, R.; CRUZ, R.A. Turismo e suas implicações socioambientais: a experiência do projeto Ateliê Arte nas Cotas, em Cubatão (SP), Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15 n.1., p.69-80, abr. 2015.

#### REALIZAÇÃO



#### APOIO INSTITUCIONAL



#### PATROCÍNIO



**Resumo:** Como o turismo pode induzir o processo de promoção social? Para responder ao problema de pesquisa apresenta-se um relato de experiência de turismo empreendida pela agência de viagens e turismo Caiçara Expedições em parceria com o projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, realizado em Cubatão no estado de São Paulo, região sudeste brasileira. O projeto é parte do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de parceria entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o governo estadual. Esse estudo de caso possui natureza empírica, caráter exploratório e a abordagem de análise dos dados é qualitativa. Realizou-se pesquisa bibliográfica, documental e observação participante. Verificou-se alta adesão da comunidade tanto por meio da participação nos cursos práticos quanto da autorização para pintura de suas casas. Constatou-se o orgulho dos moradores cujas casas foram coloridas, sobretudo, por que passaram a receber visitantes. Conclui-se que o roteiro promovido pela Caiçara Expedições ajuda a valorizar as pessoas e a comunidade como um todo, a promover uma nova identidade cultural e a transformar a realidade socioeconômica local pelo turismo.

**Palavras-chave:** Turismo; Sustentabilidade; Caiçara Expedições; Cubatão (SP); Hospitalidade.

**Abstract:** How tourism can induce the process of social promotion? To answer to this question this research presents an experience report about a visiting script promoted by “Caiçara Expedições” in partnership with the “Studio Art at the Quotas” project held in Cubatão in the state of São Paulo, southeastern of Brazil. The project is part of the “Serra do Mar Social Environmental Recovery Program”, originated from a partnership between the Inter-American Development Bank and the state government. This case study has empirical, and exploratory approach and the data analysis is qualitative. It was performed a bibliographical and documentary research and participant observation. This research observed high adherence of the community both through participation in the workshops as through the permission to paint their homes. It was observed the pride of the residents whose houses were colored, especially, as they have experienced receiving visitors. It was concluded that the visiting script promoted by “Caiçara Expedições” helps valuing people and the community as a whole, promoting a new cultural identity and transform the local economic reality by tourism.

**Keywords:** Tourism; Sustainability; Caiçara Expedições; Cubatão (SP); Hospitality.

**Resumen:** Cómo el turismo puede inducir el proceso de promoción social? Para responder a esta cuestión esa investigación presenta un relato de la experiencia de turismo llevada a cabo por la agencia de viajes “Caiçara Expedições” en colaboración con el proyecto “Atelier Arte en las Cuotas” (Cubatão, San Pablo, Brasil). El proyecto forma parte del “Programa de Recuperación Socio Ambiental de la Serra do Mar”, que se originó de una asociación entre el Banco Interamericano de Desarrollo y el gobierno estadual. Este estudio de caso tiene enfoque empírico y exploratorio y la análisis de datos es cualitativa. Fue realizada pesquisa bibliográfica y documental y observación participante. Se observó alta adherencia tanto a través de la participación en talleres como por el permiso para pintar sus casas. Fue observado el orgullo de los residentes cuyas casas fueron pintadas, sobre todo, porque han experimentado recibir visitantes. Se concluyó que la ruta de visita promovida por “Caiçara Expedições” ayuda en el proceso de valoración de las personas y la comunidad en su conjunto, en la promoción de una nueva identidad cultural y a transformar la realidad económica local mediante el turismo.

**Palavras clave:** Turismo; Sostenibilidad; Caiçara Expedições; Cubatão (SP); Hospitalidad.

## Introdução

O presente artigo relata a experiência de turismo empreendida pela Caiçara Expedições em parceria com o projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, realizado no município de Cubatão, localizado na Região Metropolitana da Baixada Santista, litoral do estado de São Paulo. O objetivo do projeto é elevar a autoestima dos moradores e promover a construção de nova identidade comunitária. Como será tratado neste trabalho, as ações descritas acontecem em bairros periféricos, localizados nas encostas da Serra do Mar no município de Cubatão.

O referido projeto é parte integrante do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de uma parceria entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado de São Paulo representado por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), da Fundação Florestal e da Polícia Militar Ambiental.

Ao todo, a região possui 1.625.000 habitantes, sendo que Cubatão tem 125.178 (IBGE, 2013). Mais especificamente, a cidade foi edificada no sopé da Serra do Mar, que originalmente servia como ponto de parada para as pessoas que passavam sentido ao planalto paulista. Conforme informações da Prefeitura Municipal de Cubatão (2013), para acessar ao planalto, “seguia-se no início a trilha dos índios Tupiniquins. Depois, através do Vale do Rio Perequê (...). Mais tarde, a Calçada do Lorena se tornou o principal caminho entre o litoral e o planalto”.

Nas primeiras décadas do século XX, teve início o processo de industrialização do país. Nos anos 1920, começaram as obras de construção de duas grandes indústrias: a São Paulo Light S.A. para fornecimento de eletricidade; e a fábrica de papel e celulose Companhia Santista de Papel S.A. (denominada originalmente como Companhia Fabril de Cubatão), que iniciou suas operações em 1932. A segunda, por sua vez, motivou a criação da vila Fabril, local de moradia dos funcionários que trabalhavam na empresa.

Atualmente, o bairro Fabril passa por processo de estudo e planejamento de intervenções de recuperação urbana, restauração do patrimônio arquitetônico local e qualificação profissional dos moradores locais, sobretudo, por meio da implantação do Centro Vocacional Tecnológico (em fase final de obras) na cidade, espaço educacional que objetiva a qualificação profissional para inclusão no mercado de trabalho local e regional.

Dentro desse universo de ações, em 2011, surgiu a iniciativa de criação do “Ateliê Arte nas Cotas”. Os alunos aprendem técnicas de estêncil, que consiste na aplicação de tinta com rolos, ou sprays para preencher um papel com desenho vazado. As técnicas de estêncil e mosaico são aplicadas nos muros das casas do bairro Cota 200. Além dessa iniciativa, são confeccionadas camisetas, agendas e almofadas, que são vendidas para criação de provimentos para o projeto.

A recepção de visitantes pelos voluntários do Projeto “Ateliê Arte nas Cotas” teve início em 2013, quando a agência de viagens e turismo Caiçara Expedições firmou parceria com os gestores do Projeto para elaborar e operacionalizar o roteiro de visitaçao.

Essa pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência. É um estudo exploratório de abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica, documental e observação participante.

O trabalho foi organizado em dois tópicos temáticos, sendo o primeiro sobre a convivência e a coabitação em comunidade, onde se insere a atividade turística e as relações de hospitalidade entre visitante e visitado cuja discussão permeia os autores Grinover (2007), Yázigi (2001), Bauman (2003), Wall (1997) e Laraia (2008).

Já no segundo tópico apresenta-se, além de dados sociais, econômicos e ambientais sobre o município de Cubatão, o relato do roteiro de visitação do projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, que teve a elabora o do panorama histórico da cidade a referência Torres, Junior e Borges (2002).

As visitas de observa o participante ocorreram nos dias 20 de abril de 2013 e no dia 08 de junho de 2014, nessas ocasiões os pesquisadores tiveram contato com voluntárias do projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, turistas (residentes na própria Região Metropolitana da Baixada Santista) e moradores da Cota 200

## Turismo e rela es de hospitalidade

Para essa pesquisa, a hospitalidade compreende-se como a intenc o espontânea de receber bem, da atitude intencional ou involuntária de acolher, proteger e servir ao visitante, seja este convidado ou não. Montandon (apud Grinover, 2007, p. 29) escreve que a hospitalidade “não se reduz ao oferecimento de uma restaura o ou de um alojamento, mas   rela o interpessoal estabelecida, que implica uma liga o social e valores de solidariedade e de sociabilidade”.   possível perceber nessa cita o dois pontos essenciais para a discussão em torno da hospitalidade: “rela o interpessoal”; e “liga o social”.

Primeiro, conforme o autor sugere, torna-se possível inferir que se há rela o de hospitalidade, a mesma deve ser pessoal, humana e, dessa maneira, jamais impessoal, que remete, então, a hostilidade. Do mesmo modo, se há rela o pessoal, direta entre visitante e visitado, passa a existir uma liga o, uma rela o social, que remete invariavelmente a uma rela o comunitária, já que o indivíduo carrega consigo elementos de seu entorno – material e imaterial – habitual. Cabe, então, uma reflexão em torno dos cenários em que se desenrolam os fen menos sociais apresentados anteriormente, como propõe Grinover (idem, p. 20)

O autor afirma que “a história da hospitalidade   a história do homem, de seus encontros, de seus diálogos e de tudo aquilo que tem criado para facilitar sua aproxima o com seus semelhantes”. Acredita-se que seja fundamental discutir sobre os espaços onde se materializam tais rela es e – dada a proposta desse estudo – a análise de uma experiência gerencial no campo do turismo parece ser um meio enriquecedor para tal.

Discute-se, há bastante tempo, a questão da cobrança de ingresso para visita o a monumentos do patrimônio material, tais como acervos de museus ou mesmo áreas naturais protegidas. O termo “privatiza o” parece ser percebido de maneira equívoca e mesmo sua compreensão destoadada ideológica e propositadamente.

No intuito de promover a cultura local, as tradi es da popula o autóctone e o folclore regional, gestores públicos ligados a áreas como turismo, lazer e cultura, por exemplo, tendem a incorrer nesse equívoco conceitual. Há de se concordar que a transversalidade do turismo impõe um desafio relevante no sentido de equilibrar interesses (entre entes públicos e privados) e equacionar conflitos (entre comunidades receptoras e seus visitantes).

Assim, privatizar as manifesta es tem sido privatizar o acesso do público (seja local ou não), a conseq ncia tende a ser a segrega o e a cenariza o de rituais e mesmo da paisagem. Trata-se, pois, da conversão de costumes em cenas, que, segundo Bauman (2003, p. 63), torna a comunidade em uma “est tica gerada pela [pr ]ocupa o com a identidade [...] que alimenta a indústria do en-

tretenimento”. Antagonicamente, é a comercialização<sup>1</sup> do patrimônio que o faz deixar de ser valioso por sua significação na história ou na identidade local e passa a ser valioso porque pode ser “vendido” como atrativo turístico (WALL, 1997, p. 138). O turismo baseia-se no consumo e na apropriação dos espaços, privatizando alguns e recuperando a utilidade pública de outros.

Sobre essa ambiguidade, Barreto (2002, p. 34) afirma que “a revitalização de bairros inteiros para o consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas neles existentes”. Nesse sentido, o olhar sobre tais iniciativas deve ser ponderado e a propositura de projetos tem de atender aos preceitos de sustentabilidade social (os quais demandam base local, participação comunitária e distribuição de benefícios e mitigação de custos, também).

A questão é controversa. Parece clara a necessidade de proteção e de defesa, mas, ao mesmo tempo, esses termos soam como distanciamento ou desconhecimento. Fato é que há de se financiar tal administração. E qual organização deverá fazê-lo? A própria Constituição Federal informa, na Seção II: da Cultura, em seu artigo 216, que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Ora, se a Carta Magna afirma que “garante o acesso”, logo preconiza que a privatização citada anteriormente deixa de ser polêmica e passa a ser inconstitucional.

Fica evidente a demanda por erradicação da visão de preservação do patrimônio cultural desligada de seu uso social e do acesso pela população. Assim, ganham força tanto o senso de cidadania, quanto a questão da sustentabilidade (CANTARINO, 2007). O problema se mostra na harmonia entre a hospitalidade original (ou conservação, no caso) versus a sua exploração comercial (GRINOVER, 2007, p. 59). A atenção à revitalização do patrimônio histórico tem sido positiva, enobrecendo e valorizando o crescimento da etno-história e das representações do passado e do presente. Logicamente, contribuindo para sustentabilidade do turismo de caráter cultural.

Para fazer frente à banalização do termo sustentabilidade e dos seus princípios, defende-se a “educação patrimonial” como elemento condicionante das práticas de viagem de motivação cultural (CHIOZZINI, 2006). Esse autor afirma que “a educação patrimonial vem ganhando destaque nas discussões sobre patrimônio histórico e também encontra um campo fértil dentro do turismo cultural”. Paralelamente, acredita-se que propostas de educação ambiental, no sentido de educação para o exercício da cidadania planetária, podem ser de grande colaboração ao promover a identificação entre o patrimônio histórico-cultural e a sociedade.

Laraia (2008, p. 72) afirma que “o homem tem despendido grande parte da sua história na Terra, separado em pequenos grupos, cada um com sua própria linguagem, sua própria visão de mundo, seus costumes e expectativas”. Nesse sentido, Bauman (2003, p. 9) aponta que “uma coletividade que pretenda ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, e (em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que fica aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição”. O autor promove uma interessante diferenciação entre um agrupamento (ao que chama de coletividade) e uma comunidade (no sentido de identidade, vínculo e cumplicidade).

---

<sup>1</sup> Grivoner (2007 p.59), sobre a perda do verdadeiro sentido de acolhimento da hospitalidade, afirma que “a comercialização da hospitalidade e do acolhimento, não podendo ser atribuída como culpa entre os profissionais do turismo, não implica obrigatoriamente uma depreciação dessa prestimosidade. É verdade que o serviço ao cliente e sua exploração financeira são de tal modo imbricados um no outro, que se tornou impossível separá-los”;

Outro elemento muito pertinente dentro dessa questão é a diversidade, em seu sentido de mais amplo entendimento. Trigo (2009, p. 144) afirma que

os segmentos [comunidades] alternativos formam justamente o pluralismo e a diversidade nas sociedades democráticas pós-industriais, com suas tribos, etnias e grupos com interesses e comportamentos variados.

Mais especificamente, os grupos juvenis tendem a apegarem-se mais em julgamentos, visto que seus membros são, normalmente, mais inseguros e não possuem referenciais sociais. Nesse mesmo sentido, Levisky (apud. UVINHA, 2001, p. 38) escreve que

nos grupos de jovens, o que há de comum é o fato de todos eles estarem à procura de algo, isto é, de estarem à procura de si mesmos [...], no grupo, uns se parecem com os outros e nisso se confortam; um é modelo para o outro; sofrem de angústias semelhantes e na indefinição é que se encontram; dentro do grupo cada um está na busca de si mesmo, e o grupo como unidade existe nesse sentido; o encontro visa, antes de mais nada, a externalizar os próprios pensamentos e confronta-los com os demais.

Conforme Yázigi (2001, p. 46), “construir uma identidade, isto é, dar-lhes uma forma, é legitimar a própria vida, porque é a forma que dá fundamento à existência”. No mesmo sentido, Laraia (2008, p. 68) aponta que “podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica”. Essa “série de características” é a “forma” a que se refere Eduardo Yázigi, corroborando os elementos de identificação levantados anteriormente.

Especificamente sobre os ídolos, Bauman (2003, p. 66) aponta que “os ídolos, pode-se dizer, foram feitos sob encomenda para uma vida fatiada em episódios. As comunidades que se formam em torno deles são comunidades instantâneas prontas para o consumo imediato – e também inteiramente descartáveis depois de usadas”. Fato que não descarta a identidade entre os membros do grupo, tampouco os vínculos emocionais compartilhados. Por mais efêmera que seja uma comunidade, ela terá sido intensa enquanto manteve seus propósitos.

Laraia (idem, p. 67) acredita que “homens de culturas diferentes usam lentes diversas, e, portanto, tem visões desencontradas das coisas”. É interessante como o autor sintetiza de modo contrário a visão do convívio harmônico. Refletir sobre o assunto é complexo, pois a diversidade de cenários é ampla – do ponto de vista geográfico – e está passando por processo de homogeneização – ao passo que a globalização elimina singularidades. O mesmo autor escreve que se trata de um “tipo de comportamento padronizado por um sistema”, sistema que se convencionou chamar de capitalismo liberal.

Os diversos grupos sociais desenvolvem códigos entre seus participantes. O mesmo autor escreve, ainda, que “a chegada de um estranho em determinadas comunidades pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural” (Ibidem, p. 73). A cultura constitui-se de sistemas de símbolos que interagem entre si, ensejando o dinamismo contemporâneo. Ao retomar as reflexões sobre a hospitalidade, é possível observar que, conforme Grinover (2007, p. 36),

o gesto de hospitalidade é, de início, aquele que coloca de lado a hostilidade latente a qualquer ato de hospitalidade, mesmo que, na própria essência de seu funcionamento, a hospitalidade tenha, por necessidade, de manter o estrangeiro como tal, isto é, “preservar certa distância” para preservar sua identidade.

Seguindo esse raciocínio, o autor destaca o “acolhimento” como meio de materialização da hospitalidade, definindo-o como “o conjunto dos comportamentos [...] para ter um bom êxito na aproximação [...] de uma relação humana de qualidade, com o objetivo de satisfazer sua curiosidade, suas necessidades [...] e na perspectiva de desenvolver e estimular [...] a tolerância e a compreensão entre os seres humanos” (Idem, 2007, p. 60).

Comentando a construção da identidade das comunidades, Yázigí (2001, p.47) aponta que “deveria ser também uma arte porque redefine nossas relações com outras pessoas, grupos, lugares, coisas [...]”. Cabe destacar a compreensão do autor ao termo “lugares”. A diante será abordado esse tema, ou seja, a percepção e a ligação entre os valores de determinada comunidade e o espaço em que suas relações acontecem.

Pinto (2003, p. 5) escreve que “como atividade humana, é necessário considerá-la [a comunicação] integrada aos processos culturais e, para estudar sua evolução, não é possível desvinculá-la da cultura”. À ligação comunicação/comportamento refere-se como agente de fortalecimento do vínculo existente dentro de cada grupo social.

Então, ainda que pertencer a uma comunidade seja atingir a plenitude social, Laraia (2008, p. 80) aponta que “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”. É relevante registrar que o autor não faz referência sobre as motivações de cada ser, mas infere-se que tais participações são genuínas e de vontade própria. Sem a efetiva participação nos processos interiores ao grupo, desaparece o senso de pertencimento e a efetividade daquela comunidade, o que descaracteriza seus vínculos com “seu” local original.

Cabe refletir acerca da espontaneidade das manifestações culturais, pois a partir do momento em que um vínculo é “forçado” a existir e a se manter vivo, acredita-se que o deixa de ser genuíno. Segundo Ayala e Ayala (2002, p. 63), “uma manifestação cultural deixa de ser popular, tornando-se institucional, mesmo que tenha sido anteriormente difundida em segmentos subalternos da população, quando seus produtores passam a depender, para sua realização, de uma entidade pública ou privada [...]”. Ainda sobre hospitalidade, torna-se oportuno afirmar que hoje esse segmento tem se estruturado por conta de seu comércio. A hospitalidade comercial, ou seja, os negócios ligados diretamente aos serviços de hospedagem, alimentação, entretenimento, transporte e lazer, instituiu-se em um paradoxo em vista de sua história, pois em essência é gratuita, espontânea (GRINOVER, 2007, p. 57).

Interferir direta ou indiretamente no sentido de manter certa tradição ou manifestação é atuar para a extinção da emoção e da afetividade que caracteriza a “vinculação” proposta. Sobre a espontaneidade em manter-se em determinada comunidade, honrando o compromisso hora firmado, Bauman (2003, p. 62) faz algumas reflexões, a saber:

- A comunidade, cujos usos e princípios são confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere “aprovação social”, deve possuir os mesmos traços;
- Ela deve ser e permanecer flexível, nunca ultrapassando o nível “até nova ordem” e “enquanto for satisfatório”;

- Sua criação e seu desmantelamento devem ser determinados pelas escolhas feitas pelos que as compõem – por suas decisões de firmar ou retirar seu compromisso;
- Em nenhum caso deve o compromisso, uma vez declarado, ser irrevogável: o vínculo constituído pelas escolhas jamais deve prejudicar, e muito menos impedir, escolhas adicionais e diferentes.

É intrigante como o termo “flexível” aparece por diversas vezes. E quem é o indivíduo que definirá os níveis de flexibilidade? Como no debate sobre os ídolos e a efemeridade das comunidades, pergunta-se: quais membros devem opinar para a criação ou desmantelamento do grupo? E os que desejassem permanecer firmes na proposta? Continuam gozando de legitimidade? Ao que parece, segundo o autor, os compromissos não prejudicariam os papéis exercidos pelas pessoas fora da vida comunitária.

Conforme exposto, o estabelecimento e a consolidação de identidade e vínculos se faz, sobretudo, por meio da comunicação. Seja corporal, escrita ou mesmo pela linguagem. Assim, o tópico a seguir propõe reflexões sobre a competitividade empresarial balizada por preceitos da sustentabilidade.

## **Caracterização da área estudada: Cubatão, São Paulo, Brasil**

A primeira referência formal sobre a localidade data de 1533, quando se redigiu o documento que formaliza a concessão das terras da “Barra do Cubatão” a Rui Pinto. A cidade foi edificada no sopé da Serra do Mar, que originalmente servia como ponto de parada para as pessoas que acessavam ao planalto paulista desde o litoral. Conforme informações da Prefeitura Municipal de Cubatão (2013), para acessar ao planalto, “seguia-se no início a trilha dos índios Tupiniquins. Depois, a partir de 1560, através do Vale do Rio Perequê (...). Mais tarde, em 1792, a Calçada do Lorena se tornou o principal caminho entre o litoral e o planalto”. Anos depois, em 1867, foi inaugurada a estrada de ferro que liga o litoral ao planalto e interior do estado de São Paulo, designada como “São Paulo Railway” (METRÔ, 2012).

Durante as primeiras duas décadas do século XX a economia brasileira era fundamentalmente agrícola e pouco ou nada mecanizada, naturalmente, e nessa época o país começou a esboçar a transição para um período industrial e urbano.

Em Cubatão, nos anos de 1920, começaram as obras da São Paulo Light S.A. (serviços de eletricidade) e a fábrica de papel e celulose Companhia Santista de Papel S.A. (denominada originalmente Companhia Fabril de Cubatão), cujo início das operações aconteceu em 1932. Foi justamente a Companhia Santista que originou a vila Fabril, pequeno bairro formado por trabalhadores da empresa.

A essa época, tiveram início articulações locais para elevar Cubatão à condição de município, separando, assim, a localidade da administração de Santos. Após anos, em 1949, o distrito ganhou a categoria de município e seu primeiro prefeito foi o Sr. Armando Cunha.

Atualmente, a Região Metropolitana da Baixada Santista possui aproximadamente 1.625.000 habitantes, sendo que Cubatão tem 125.178 (IBGE, 2013). Duas rodovias estaduais permitem esse trânsito tanto para veículos de carga quanto para automóveis: rodovia Anchieta e rodovia Imigrantes, inauguradas respectivamente em 1947 e 1976, sendo que a segunda ganhou ampliação no ano de 2002.

O município de Cubatão é sede de um polo industrial, no qual operam vinte e quatro indústrias. Dentro do panorama histórico apresentado, é importante citar que do total de vinte e quatro em-

presas, dezoito foram implantadas no período entre 1955 a 1975, investimentos fomentados, essencialmente, por três razões: a localização estratégica entre o Porto de Santos, a capital e o interior do estado; a inauguração da rodovia Anchieta (1947) e, posteriormente, incentivos fiscais e a concessão de terrenos para a implantação dessas indústrias.

Em vista da geografia propícia e a pujança do polo industrial local, duas dessas indústrias – Ultrafértil e Cosipa (atual Usiminas) – possuem terminais portuários, onde recebem matéria prima e embarcam produtos acabados.

É possível inferir, então, que além da geração de empregos, a concentração industrial propiciou a geração de resultados econômicos e financeiros relevantes para o município, já que a arrecadação tributária concentra-se no imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação (ICMS), oriundo das operações industriais<sup>2</sup>.

O desempenho das indústrias locais e a modernização de serviços públicos abrem caminho para investimentos e parcerias em torno do lazer e do turismo. Nesse sentido, a administração, aplicou recursos na reforma e modernização de um parque público municipal que se localiza na região central da cidade. A inauguração do parque Anilinas aconteceu parcialmente em 2011 e, no ano seguinte, foram entregues obras finais dessa área de lazer. Em discurso à ocasião da cerimônia de inauguração, a então prefeita Márcia Rosa afirmou: “estamos devolvendo ao povo o orgulho de ser cubatense. Esse patrimônio é de vocês, cuidem bem dele. Estamos deixando um legado para a cidade, um parque à altura da grandeza de Cubatão”. Percebe-se o empenho do poder público local em proporcionar espaços públicos de lazer para a população residente e de visitantes, já que o espaço recebe eventos artísticos e esportivos.

Nesse mesmo sentido, no que tange a administração pública da atividade turística, Branco (1992, p. 77) diz que o “turismo [...] pode ser construtivo e enriquecermos culturalmente. A busca de lugares tranquilos para lazer e aprendizado é muito salutar”. A cidade, enquanto espaço de diálogo e convívio entre visitantes e visitados, deve ser administrada no sentido de harmonizar essas inter-relações (de hospitalidade, como visto anteriormente).

No tópico a seguir relata-se a experiência de gestão e operação do roteiro de visita ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, iniciativa que se encontra alinhada com o momento econômico da cidade, que inicia investimentos em relação à turística.

## **Relato de experiência: roteiro de visita ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”**

O projeto “Ateliê Arte nas Cotas” é parte integrante do “Programa de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar”, oriundo de uma parceria entre o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Governo do Estado de São Paulo por meio da Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano (CDHU), da Fundação Florestal e da Polícia Militar Ambiental.

O roteiro de visita ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas” foi idealizado e formatado pela Caiçara Expedições, agência de viagens e turismo sediada na cidade vizinha de São Vicente. Ao descer a

---

<sup>2</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Origem e desenvolvimento. Disponível em: < <http://www.cubatao.sp.gov.br/historia/origem-desenvolvimento/> >. Acesso em: 17 de junho de 2014;

Serra do Mar, pela rodovia Anchieta, o profissional se deparou com um colorido especial nas casas, muros e praças da Cota 200, comunidade residente nas encostas da Serra do Mar.

A ideia de formatação de um roteiro de visitação ao local partiu da percepção dessa intervenção urbana – até então pouco conhecida – realizada pelos alunos do Ateliê, ainda em fase inicial de operação. Nas palavras do guia de turismo da agência promotora do roteiro, a empresa acredita que “o turismo com base comunitária é uma proposta que beneficia as famílias locais, tanto economicamente quanto na autoestima<sup>3</sup>”. Assim, além de conhecer pontos turísticos cubatenses, os visitantes podem participar de uma oficina para aprender a técnica de estêncil, que é utilizada pelos alunos para colorir as moradias. Por meio de uma moldura feita com papelão ou plástico, os alunos criam desenhos nas paredes, muros e praças das cotas, por meio da combinação de cores e padrões.

Segundo Fernanda Saguas Tresas, coordenadora do projeto, “será uma alegria mostrar o trabalho social feito no ateliê e nos outros projetos do bairro. Incluir os bairros Cota em um passeio por Cubatão é algo incrível e diferente<sup>4</sup>”. O roteiro caracteriza-se pelo rico patrimônio natural, histórico, arquitetônicas, cultural e social local.

A visitação a sede do projeto inclui uma apresentação sobre a iniciativa, suas intervenções artísticas na comunidade da Cota 200 e uma oficina prática. Assim, além o próprio projeto, são visitados a Vila Fabril, o Largo do Sapo, o Cruzeiro Quinhentista e o Parque Anilinas. Adicionalmente, são avistados ao longo do trajeto: o Parque Estadual da Serra do Mar / Núcleo Itutinga-Pilões, a Usina Henry Borden e o polo industrial da cidade.

Ao chegar a Cota 200 realiza-se uma parada em um mirante que fica em uma pequena praça conhecida como Praça das Mangueiras, construída para a comunidade residente de onde é possível contemplar o encontro das duas pistas da rodovia Imigrantes, a rodovia Anchieta, e, ao longe, as cidades de Cubatão, Santos, Guarujá, São Vicente e Praia Grande<sup>5</sup>.

O projeto foi facilmente aceito pela população local, tal como afirma a senhora Lúcia Georgina Moura (comerciante local): “eu adorei o colorido no meu comércio, o bairro está mais alegre e alto astral, muito boa essa iniciativa”. No mesmo sentido, a senhora Fátima Maria Costa (aluna do projeto) aponta que o projeto “ajuda a formar uma favela, [que] é um pedacinho da gente nestes desenhos. Fica mais bonito”.

A turista Marli Cuzzo, após ter apreciado as pinturas, o entorno, a comunidade e a paisagem, afirma que “é a primeira vez que eu visito uma comunidade, uma favela mesmo, confesso que eu tinha receio, mas mudei totalmente a concepção, achei interessante, lindo<sup>6</sup>”.

Em termos de resultados quantitativos, verifica-se que até 2013, cerca de três mil moradores locais haviam aderido às oficinas gratuitas oferecidas pelo projeto “Ateliê Arte nas Cotas”. Adicionalmente, cerca de 60 pessoas se formaram no curso de “Intervenção em Arte Urbana”.

Além disso, destaca-se que a implementação de projetos como esse contribui para a sustentabilidade urbanística, socioeconômica, ambiental e cultural das intervenções promovidas pela CDHU, pois o trabalho é ancorado em princípios de construção do pacto social preliminar como subsídio e apoio à intervenção física urbanística e organização comunitária com desenvolvimento local<sup>7</sup>.

3 DIÁRIO DO LITORAL. Cubatão entra no roteiro do Turismo Comunitário. Disponível em: < <http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/9351-cubatao-entra-no-roteiro-do-turismo-comunitario> >. Acesso em: 16 de junho de 2014;

4 Idem;

5 A TRIBUNA. Turistas visitam Cota 200 e Cubatão quer criar turismo comunitário. Disponível em: < <http://www.tribuna.com.br/2.685/turistas-visitam-cota-200-e-cubat%C3%A3o-quer-criar-turismo-comunit%C3%A1rio-1.277559> >. Acessado em: 16 de junho de 2014;

6 Idem;

7 DIÁRIO DO LITORAL. Cubatão entra no roteiro do Turismo Comunitário. Disponível em: < <http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/9351-cubatao-entra-no-roteiro-do-turismo-comunitario> >. Acesso em: 16 de junho de 2014.

## Considerações finais

O desenvolvimento do turismo em Cubatão configura-se como uma possibilidade de diferenciação mercadológica tanto para a imagem da cidade quanto para a agência de viagens e turismo que opera esse roteiro.

Ao mesmo tempo em que aumenta a competitividade entre os destinos turísticos cresce a disputa por clientes entre os prestadores de serviços turísticos. Desse modo, torna-se essencial fomentar novos modelos de gestão, operação e promoção dos produtos turísticos.

É pertinente afirmar que a visitação a comunidade Cota 200 tende a fortalecer vínculos, ajudar a mudar a imagem que as pessoas – residentes e visitantes – têm da cidade e da comunidade e pode colaborar para a manutenção da qualidade de vida da população local uma vez que atrai investimentos e propicia o consumo no local. O projeto “Ateliê Arte nas Cotas” é integrante de um amplo programa de recuperação socioambiental regional, nesse sentido, poderá, inclusive, estabelecer novas relações e fortalecer relações comunitárias já existentes entre outras comunidades semelhantes.

O trabalho foi organizado em dois tópicos temáticos, sendo o primeiro sobre a convivência e a coabitação em comunidade, onde se insere a atividade turística e as relações de hospitalidade entre visitante e visitado. E no segundo apresentou-se no terceiro fragmento, um panorama histórico e dados socioeconômicos sobre a cidade de Cubatão. Foi apresentado, também, o relato de experiência de visitação ao projeto “Ateliê Arte nas Cotas”.

Como resultados, se verificou que há alta adesão dos moradores locais, tanto na participação nos cursos práticos quanto autorizando a pintura de suas casas. Como visto, até 2013, mais de três mil moradores faziam parte das oficinas do projeto. Adicionalmente, cerca de 60 pessoas se formaram no curso de “Intervenção em Arte Urbana”. Foi possível constatar, ainda, expressão do orgulho dos moradores cujas casas foram pintadas por meio do projeto, sobretudo, por que passaram a receber visitantes.

Conclui-se que, nesse caso, o roteiro promovido pela Caiçara Expedições ajuda a valorizar as pessoas e a iniciativa do projeto “Ateliê Arte nas Cotas”, promove a identidade cultural local e a desmistificação, transformação da realidade socioeconômica local pelo turismo.

## Referências

A TRIBUNA. Turistas visitam Cota 200 e Cubatão quer criar turismo comunitário. Disponível em: < <http://www.atribuna.com.br/2.685/turistas-visitam-cota-200-e-cubat%C3%A3o-quer-criar-turismo-comunit%C3%A1rio-1.277559> >. Acesso em: 16 de junho de 2014.

AYALA, M.; AYALA, M. I. N. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BARRETO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas (SP): Papirus, 2002.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BRANCO, S. M. **A Serra do Mar e a baixada**. São Paulo: Moderna, 1992.

CANTARINO, C. Onde está o patrimônio da cidade? **Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**: nº 6, sem página, janeiro/fevereiro, 2007.

CHIOZZINI, D. Turismo cultural e educação patrimonial mais próximos. **Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)**: n. 3, sem página, janeiro/fevereiro, 2006.

DIÁRIO DO LITORAL. Cubatão entra no roteiro do Turismo Comunitário. Disponível em: < <http://www.diariodolitoral.com.br/conteudo/9351-cubatao-entra-no-roteiro-do-turismo-comunitario> >. Acesso em: 16 de junho de 2014.

GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades. Disponível em: < [www.cidades.ibge.gov.br](http://www.cidades.ibge.gov.br) >. Acesso em: 10 de junho de 2014.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

METRÔ. Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental: Linha 18 (Bronze). São Paulo, 2012.

PINTO, V. N. **Comunicação e cultura brasileira**. São Paulo: Ática, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CUBATÃO. Origem e desenvolvimento. Disponível em: < <http://www.cubatao.sp.gov.br/historia/origem-desenvolvimento/> >. Acesso em: 17 de junho de 2014.

TRIGO, L. G. G. Ascensão dos prazeres na sociedade atual: Turismo GLS. In: Alexandre PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Orgs.). **Segmentação do Mercado Turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri (SP): Manole, 2009.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri (SP): Manole, 2001.

WALL, G. Is ecotourism sustainable? **Environmental Management**. n. 4, v. 21, p. 483-491, 1997.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.